



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

REYNAN RODRIGO BARAUNA PEREIRA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA
NO CENTRO DE EDUCAÇÃO TEODORO SAMPAIO – RELACIONANDO OS
TIPOS DE DISCURSOS E CONCEPÇÕES DE JUSTIÇA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

REYNAN RODRIGO BARAUNA PEREIRA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA
NO CENTRO DE EDUCAÇÃO TEODORO SAMPAIO – RELACIONANDO OS
TIPOS DE DISCURSOS E CONCEPÇÕES DE JUSTIÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr. Marcos Carvalho Lopes.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

REYNAN RODRIGO BARAUNA PEREIRA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS DE
VIOLÊNCIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO TEODORO SAMPAIO –
RELACIONANDO OS TIPOS DE DISCURSOS E CONCEPÇÕES DE JUSTIÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 18/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Marcos Carvalho Lopes (Orientador)

Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Carlindo Fausto Antônio

Doutorado em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2005)

Efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

Paulo Sergio de Proença

Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo, Brasil (2011).

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	TEMA	6
2.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	6
3	PROBLEMA DE PESQUISA	7
4	OBJETIVOS	7
4.1	GERAL	7
4.2	ESPECÍFICOS	7
5	HIPÓTESES	7
6	JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO	8
6.1	COMO A VIOLÊNCIA APARECE?	8
6.2	DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO O ASSUNTO É VIOLÊNCIA?	10
6.3	ESPECIFICIDADE DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA	12
6.4	NARRATIVA E TIPOS DISCURSIVOS DE DISCURSO SOBRE A VIOLÊNCIA	13
6.5	ONDE E POR QUE ESTE RECORTE?	14
7	METODOLOGIA	14
8	CRONOGRAMAS DE ATIVIDADES	15
9	RESULTADOS ESPERADOS	18
	REFERÊNCIAS	19

Uma agressão ocorrida dentro de sala de aula no Colégio Estadual Santos Dias, em Neves, São Gonçalo, está sendo apurada por policiais da 73ª DP (Neves). Os pais de um estudante de 14 anos, aluno do 8º ano, que levou um soco no rosto de outro estudante de 15 anos, acusam a escola de negligência e um professor de incitar a violência entre os alunos (REDAÇÃO, publicada em 01 de novembro de 17).

Santa Catarina - Uma professora catarinense utilizou o Facebook para contar, nesta segunda-feira, a história de uma agressão que sofreu: Márcia Friggi, de Indaial, em Santa Catarina, afirma ter sido machucada por socos desferidos por um de seus alunos, um adolescente de 15 anos (O Dia publicado em 21 de agosto de 2017).

Uma professora foi agredida por um aluno enquanto ministrava aula na Escola Municipal Mocambinho, localizada na zona Norte de Teresina. A educadora sofreu uma perfuração de caneta na mão e teve que ser levada para atendimento em um hospital. (...) Houve uma discussão em sala de aula e um dos estudantes, na tentativa de atingir um outro colega de turma, acabou ferindo a docente utilizando uma caneta (PIMENTEL Izabella Cidade Verde- publicado em 15 de set de 2017).

Um aluno do décimo período de direito teria agredido o professor após ser pego "colando" durante uma prova na Faculdade Faminas, em Belo Horizonte. A agressão teria acontecido na última segunda-feira (2), quando revoltado com a advertência do professor, o homem, de 42 anos, reagiu chutando cadeiras e mesas contra o educador (FONTES, Leticia - Publicado em 04 de outubro de 2017).

A professora Patrícia Bueno de Sousa, de 31 anos, denuncia que foi agredida na segunda-feira (28) pela mãe de um aluno na Escola Municipal Prefeitura Cleide Campos, em Inhumas, no centro de Goiás. Ela conta que levou socos após a mulher não gostar do filho ter sido repreendido em sala de aula. A direção da escola informou que os pais concordaram em transferir a criança após o fato (SANTANA, Vitor, publicado em 29 de agosto de 2017).

Mais de dois mil diretores e professores do estado da Bahia já foram ameaçados por alunos da rede pública. Ao mesmo tempo, mais de 11 mil já presenciaram algum estudante cometer uma situação de violência com outro professor ou funcionário da instituição. Os dados fazem parte do 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado nesta segunda-feira (30) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (REDAÇÃO publicado; 31 de outubro de 2017).

1 INTRODUÇÃO

A relação entre violência e escola não é um tema novo, principalmente nas grandes cidades. Desde os anos 80 o assunto tem sido preocupação do poder público, teóricos e cientistas sociais que tentam entender e definir o conceito de violência. (Candau-2000, p 137). Podemos ver essa crescente preocupação em entender este fenômeno através dos trechos de reportagens acima, que utilizamos como epígrafe deste trabalho, para mostrar o contexto comum de muitas escolas brasileiras em seu cotidiano; são professores incitando brigas entre estudantes, os próprios estudantes brigando entre si e também com os professores, pais que deveriam ser exemplo para os seus filhos e ajudar na educação se comportando como possíveis agressores daqueles que tentam transformar seus filhos em cidadãos.

As principais motivações para a realização deste projeto são as experiências vividas por mim no ensino médio no Centro Educacional Teodoro Sampaio (CETS). local onde estarei realizando esta pesquisa. As experiências se traduzem em racismo dos próprios professores para os alunos (a), as brigas entre os estudantes com agravantes do uso de armas brancas pelos agressores, e também o livre e pequeno comércio de drogas entre uma pequena parte dos estudantes.

2 TEMA

Investigar as narrativas sobre a violência e suas diferentes formas, buscando entender como esse fenômeno é descrito e contextualizado através das concepções de justiça, investigando especialmente o Centro Educacional Teodoro Sampaio.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Pesquisar os tipos de relatos sobre a violência, identificando as concepções de justiça.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

A concepção de justiça presente nos discursos traz a corresponsabilidade para o conceito educativo, e esses conceitos são transmitidos para os estudantes?

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

O presente trabalho busca entender as narrativas desse fenômeno que é a violência nas escolas, procurando desvelar tipos de discurso presentes na descrição deste fenômeno na escola.

4.2 ESPECÍFICOS

- Investigar sumariamente como o conceito de violência tem sido pensado no contexto escolar;
- Justificar uma abordagem narrativa da experiência de violência conectada com uma perspectiva de concepção de justiça.
- Realizar uma pesquisa etnográfica sobre a narrativa de violência escola, a partir de diferentes perspectivas.

5 HIPÓTESES

Investigar os tipos de narrativas presentes na escola e a que concepção de justiça estão vinculados.

6 JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO

6.1 COMO A VIOLÊNCIA APARECE?

Ao longo dos tempos a violência sofre ressignificações, sendo assim um fenômeno mutável (ABRAMOVAY, 2006, p.54). Do mesmo modo que a violência pode tornar-se estranha aos olhares, também vem a agradar. Vejamos alguns exemplos que estão em nosso cotidiano; um homem ou uma mulher, que após cometer o ato de roubar, é identificado como “ladrão”, e os indivíduos que percebem a ação se veem na condição de aplicar uma forma de justiça por meio do espancamento do acusado. Para aqueles indivíduos que se colocaram na condição de juiz, o ato de espanca-lo funciona como uma forma de julgamento (inspirada na lei de Talião), ou seja, aquele é o preço por ter roubado. Ou quando uma turista espanhola foi morta na favela da Rocinha, após o carro em que ela estava furar o bloqueio policial; o caso gerou uma repercussão mundial, e governos se comovendo com tamanha atrocidade, enquanto jovens negros sofrem com a violência sendo mortos nas favelas todos os dias (furando ou não um bloqueio policial), perceber que os casos de violência contra jovens negros, e pobres não ganham tanta repercussão na mídia, mostra uma naturalização dessa violência (ABRAMOVAY, 2006, p.54)¹. A violência pode tomar vários sentidos porem aqui neste projeto estarei tratando sobre a violência escolar.

Nos anos 80 pesquisadores que tratavam especificamente da violência escolar no Brasil, preocupavam-se mais com a violência partindo de agressões, culpando a redemocratização por ter enfraquecido a autoridade escolar (CARRANO, 2009). A partir dos anos 90 houve uma mudança da concepção de violência, não se restringindo somente a violência física, o que gerou resultados diferentes,

Além dos atos tradicionais de vandalismo, percebe-se o aumento das agressões interpessoais, sobretudo, entre o público estudantil; as agressões verbais sendo as mais frequentes, e também agressões a professores com frequência que já não podem ser desconsideradas (CARRANO, 2009).

ARAÚJO, Adriano. FERREIRA, Jonathan e NASCIMENTO, Rafael. É inadmissível, diz delegado sobre morte de espanhola na rocinha. O Dia. Rio de Janeiro, 23 out. 2017. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-10-23/e-inadmissivel-diz-delegado-sobre-morte-de-espanhola-na-rocinha.html>) ---- (Referencia sobre turista espanhola morta na rocinha)

A partir dessa nova concepção de violência, diferentes autores como Mirian Abramovay, Mari das Graças Rua e Bernard Charlot, trazem uma abordagem diferente sobre o conceito de violência nas escolas.

Charlot vai desmembrar a violência em três tipos, a (1) primeira, denominada *violência*, se caracteriza por golpes, ferimentos, roubos, crimes, vandalismo e violência sexual; (2) já a *incivilidade* é caracterizada por humilhação, palavras grosseiras e falta de respeito; e a (3) *institucional* ou *simbólica* significa o desprazer no ensino, por parte do estudante e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores (Apud ABRAMOVAY, 2007, p. 24). A ampliação deste tema é importante para entendermos como a violência pode ser complexa e não simplesmente física, como afirma Sposito (1998 Apud Abramovay. 2002 p 60), e também para criarmos métodos para combater e amenizar seus efeitos diversos sobre a escola.

Abramovay (2003) (Apud STELKO e WILLIAMS, 2010) aponta através de pesquisas realizadas em países como Inglaterra, Espanha, EUA, as diferentes conceituações sobre a violência na escola, nos mostrando assim que, em cada local a violência escolar é tratada de uma forma diferente.

As pesquisas inglesas comumente conceituam a violência escolar de modo a não abranger atos violentos por professores a alunos e de alunos a professores; pesquisas espanholas têm certo constrangimento moral ao descrever atos de violência praticados contra jovens e crianças, como violência escolar; estudos americanos tendem a se localizar no exterior da escola, nas gangues, sendo comum o uso dos termos delinquência juvenil, condutas desordeiras, comportamento antissocial; já investigações brasileiras, a partir de meados dos anos 1990, referem à expressão "violência escolar" às agressões contra o patrimônio e contra a pessoa (alunos, professores, funcionários, etc) (STELKO E WILLIAMAS, 2010, p, 12).

Além de apontar esses diferentes fatores, Abramovay (2002) afirma que a definição de violência pode se diferenciar de acordo com a idade, o sexo e o status social de quem se está definindo, por exemplo, o professor, diretor ou aluno. Assim, reforçando a ideia de que a violência constituísse de vários narradores e que para entendermos a violência temos que observar o narrador.

Debarbieux (2002) afirma que uma única definição de violência escolar no campo científico seria um erro e, assim, ele argumenta dizendo que: "(...) não deveríamos estar realizando pesquisas sobre a violência como um todo indivisível, mas, ao contrário, estar multiplicando pontos de vista (indicadores) que nos ajudem a encontrar o que é real num

conceito que é ineficaz devido à sua generalidade” (Apud, STELKO E WILLIAMS, 2010, p, 12).

O Argumento de Debarbieux (2002) sobre a impossibilidade de uma única definição é coerente, pois como sabemos a violência é um fenômeno histórico e mutável, ou seja, uma única definição para algo que se reconstrói com o tempo, é quase que impossível. Porém o próprio autor mostra necessidade de se encontrar uma delimitação para o conceito, mostrando quais são os limites do mesmo e qual definição que pode relacionar-se a uma prática a um conceito eficaz.

6.2 DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO O ASSUNTO É VIOLÊNCIA?

Vejamos a nossa volta: ouvimos nas rádios, nos jornais, na esquina, dos vizinhos ou até dentro da nossa própria casa, a violência esta presente em quase tudo e em cada lugar com sua particularidade. A violência é o principal assunto retratado diariamente em toda mídia. Soares (2011 p 13) afirma que é o tema predileto de quase todo mundo, e toma um lugar de destaque entre os adultos, idosos e principalmente os jovens, que são os mais afetados por essa teia.

A violência tem sido usada para a construção de impérios, sociedades e cidades. Portanto a violência foi utilizada para união dos povos para um bem maior: a construção de uma sociedade. Partindo então da relevância que a violência foi utilizada para “erguer” o mundo, chegamos a seguinte pergunta, estamos falando de um mal para a humanidade ou um bem necessário?

Luiz Eduardo Soares, em seu livro **Justiça – Pensando alto sobre Violência**, questiona o modo como os fiéis muitas vezes veem Deus com uma absoluta bondade, e ao mesmo tempo um condenador, que lança os pecadores ao fogo do inferno. Assim, Deus também recorre à violência como forma de punição, e esta punição é aceita pelos fiéis.

Como explicar que os fiéis atribuam a Deus, ao mesmo tempo, a bondade absoluta e a disposição de condenar os pecadores ao inferno, ao fogo eterno, ao sofrimento sem limites? Deus é violento e pratica a violência contra os infiéis, os pecadores, lançando todos eles ao fogo do inferno — (SOARES, 2011, p. 13).

Na Europa no século XVIII, a tortura era considerada normal para a obtenção de informações. Outros crimes principalmente contra a religião, como assassinatos, sodomia, e roubos eram punidos com o suplicio da roda (onde o individuo era esticado preso a ferros, e

depois mutilado). A tortura que era considerada comum para toda sociedade tinha um função disciplinadora, ou seja, a violência era uma forma de educar a sociedade a não cometer estes atos. “Veja o que acontece com quem trai a religião, se insurge contra a coroa ou transgredi as leis” (SOARES, 2011, p,14). A historia brasileira não é tão diferente. Carregamos conosco o peso da escravidão dos povos africanos o domínio e genocídio da cultura e de grande parte dos povos indígenas, ou seja, recorremos a violência para formar, e estruturar uma nação. Atualmente somos educados através dos canais de comunicação, como; rádios, jornais, a própria internet, reproduzindo a violência, e naturalizando aquela situação a qual podemos chamar de “cultura da violência”, (CANDAUI, 2000, p,137), pois estamos tão acomodados e acostumados a ver jovens caindo na teia da violência, ou a falta de segurança nas escolas, que temos esse contexto como algo normal, algo do nosso cotidiano.

Através dessa naturalização buscamos o discurso de corresponsabilidade e respeito mais condensados aos procedimentos legais. Essa perspectiva esta ligada a uma justiça restaurativa ao invés de uma justiça retributiva. Traremos essa concepção de justiça restaurativa e punitiva através da ideia de Ubuntu, de Sergio São Bernardo. São Bernardo (2006) traz em seu texto três concepções de justiça a (1) retributiva; (2) restaurativa; (3) Ubuntu – Banto, afirmando que a justiça é um mecanismo pedagógico, politico, e estratégico, porque politiza a vitima, o réu e o poder judiciário.

A (1) justiça retributiva ou punitiva é classificada pela unidisciplinariedade e dissuasão, e está ligada a uma sociedade que é representada pelo estado, onde existe estigmatização do indivíduo. A (2) justiça restaurativa é classificada pela multidisciplinariedade e persuasão, nela há a participação da comunidade e da justiça criminal participativa. Na justiça restaurativa existe uma responsabilidade pela restauração, numa dimensão social, e compartilhada coletivamente e voltado para o futuro. Na (3) justiça ubuntu – Banto temos a multirreferencialidade e comunhão;. temos o envolvimento da sociedade na responsabilidade pela reconciliação, tendo um comprometimento com o bem – estar da comunidade (SÃO BERNARDO, 2017, p,12).

Tanto a restaurativa quanto a ubuntu-banto nos remetem ao discurso da corresponsabilidade. As duas concepções de justiça trazem em si ligações como o envolvimento da comunidade e a responsabilidade pela restauração do individuo dentro da sociedade ou comunidade. Podemos e devemos fazer uma mescla entre essas duas concepções de justiça, pois onde uma não funciona a outra deve agir.

6.3 ESPECIFICIDADE DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A escola que idealizamos era de fato um local dedicado à educação, respeito e socialização de crianças, adolescentes e jovens. Porém tornou-se um espaço de agressões. Um local totalmente vulnerável a fatores externos como a formação de gangues, bebidas alcoólicas, tráfico de drogas entre outros. Segundo Eric Debarbieux (1998) é a escola que esta mais vulnerável a problemas e fatores externos (Apud ABRAMOVAY E RUA, 2002).

Exemplos desses fatores externos citados por Debarbieux não são difíceis de encontrar nos cotidianos. No Brasil podemos obter este senso junto ao CNTE (Confederação Nacional Dos Trabalhadores de Educação), que através de pesquisas realizada com 262,417 diretores e professores, no ano de 2015, publicado em Março de 2017, mostram que cerca de “13. 015 professores (5%) já presenciaram seus estudantes sob efeito de bebidas alcoólicas em suas aulas, 29,731 (12%), sob efeito de drogas ilícitas, 12. 078 (5% da amostra), já presenciaram estudantes portando armas brancas (facas canivetes e etc.) em suas aulas” (Diretoria Executiva da CNTE, 21 de mar 2017).

Mas não somente esses fatores externos tem favorecido um crescimento da violência nas escolas, segundo Abramovay (2002) devemos reconhecer os fatores que estão dentro da própria escola, o chamado fator interno que consiste em lidar com as diferentes modalidades de violência, construir alternativas e estratégias para ajudar na relação de diferentes alunos, e professores. Para ela fatores como estes podem ser determinantes para o agravamento da violência na instituição.

Em seu artigo **O bê-á-bá da Intolerância** (2002) Abramovay argumenta que a violência na escola sempre resulta da interseção de três fatores conjuntos variáveis indiferentes: “O institucional (Escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem sócio espacial, religião, escolaridade dos pais) o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões)”. A autora trás estes fatores como determinantes para que o ato de violência possa acontecer.

Podemos perceber que a violência na escola, é gerada através da relação entre as pessoas, por exemplo, quando existem divergências ou o indivíduo sente a necessidade de demonstrar poder, temos um motivo para o chamado *bullying*, para as agressões físicas, dentre outras formas de violência.

6.4 NARRATIVA E TIPOS DISCURSIVOS DE DISCURSO SOBRE A VIOLÊNCIA

Os relatos são uma fonte narrativa que amplia uma rede de identificação e empatia, e pode ser traduzida na propagação do sentimento da solidariedade. Todavia não podemos confundir a empatia com piedade, e sim compreendê-la como uma forma de humanizar o outro, a humanização é primeiro passo para a difícil tarefa de substituir a violência por comunicação. Ou seja, se não temos o hábito de escutar os jovens os estudantes que estão convivendo com a violência na pele todos os dias, nunca conseguiremos compreender sua situação, e estaremos condenados a reproduzir o ciclo da exclusão e da barbárie (SOARES. 2006, p, 1). Na fala de Luiz Eduardo Soares.

(...) quando nos referimos aos jovens envolvidos com a violência: debaixo da máscara de monstro, há um ser humano. Se não tivermos humildade para vê-los assim e escutá-los, antes de julgá-los, estaremos condenados a reproduzir o ciclo vicioso da exclusão e da barbárie (SOARES. 2006. p.01).

Para compreendermos as narrativas sobre a violência é essencial entendermos os tipos de discursos que a violência reproduz. E para trabalhar este tópico, traremos como base os tipos de discurso atribuídos à violência por Soares (1996, p.54); (1) pecado, (2) corrupção; (3) miséria e (4) crime. A (1) concepção de violência como pecado traz em si linguagem religiosa que é relacionada ao valor negativo de uma falta de coletividade. Para Soares (1996) o pecado é caracterizado pelo “predomínio dos valores religiosos; da interpretação que tende a desindividualizar a culpa ou a responsabilidade pelos crimes”. Já na (2) corrupção há um discurso ligado a uma moralidade deteriorada, que se destaca pelo revivalismo ético. Esse tipo de discurso é caracterizado, sobretudo pela “corrupção ou traição de valores”.

O (3) discurso da violência como miséria é a que mais prospera. Nele há preocupação com o estabelecimento de conexão entre causas e consequências da violência ou criminalidade. Por fim o último tipo de discurso relacionado a violência é o crime, o qual corresponde a dois tipos de discurso; “despótico e o crime”.

O (4) discurso na concepção de crime define-se pela própria palavra, e segundo Soares é o tipo de discurso mais econômico e resistente à classificação. Neste tipo de discurso predomina suas propriedades negativas.

(4.2) O despótico é o discurso que trata a violência como crime. Nele predomina a característica de propor “soluções” em níveis variados, que desprezam as mediações institucionais ou legais.

Classificar os tipos de relatos que se relacionam a violência serve para delimitar as narrativas que serão recolhidas a uma concepção, e observar em cada relato a presença predominante da concepção de justiça que ele pode trazer.

6.5 ONDE E POR QUE ESTE RECORTE?

A pesquisa será produzida em um colégio estadual de Santo Amaro - BA, no Centro Educacional Teodoro Sampaio (CETS). Foi neste centro educacional onde fiz o ensino médio. O meu convívio como estudante me motivou a tentar entender esse fenômeno que é a violência, que atingi uma grande parte das instituições, que por muitas vezes silencia as praticas de violência, negligenciando assim o enfrentamento dos problemas da instituição. E de certo modo negligenciando a formação de cidadãos, como Martha Nussbaum retrata em seu livro “**Sem Fim Lucrativo**” é preciso entender os problemas enfrentados pela instituição para transformar alunos em cidadãos responsáveis que possam raciocinar e fazer escolhas adequadas. Para a coleta de informações aplicarei questionários e grupo focal a fim de entender as narrativas de violência através da identificação dos tipos de discursos que são produzidos em diferentes âmbitos.

7 METODOLOGIA

Para realizar o presente estudo, proponho em primeiro momento uma abordagem de revisão bibliográfica sobre as narrativas de violência escolar, e concepções de justiça, de pesquisas. Em segundo momento usarei do método qualitativo o mecanismo da pesquisa empírica no Centro Educacional Teodoro Sampaio para ter uma perspectiva mais atual do funcionamento do centro. Através da realização de questionários e grupos focais, realizarei a coleta de dados, e uma abordagem a escola sobre o respectivo tema. Em terceiro momento classificando os relatos a partir do proposito de justiça de Luiz Eduardo Soares, estarei identificando as concepções de justiça dentro desses relatos.

8 CRONOGRAMAS DE ATIVIDADES

Ano 1

Atividades	Meses											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Revisão bibliográfica de leituras sobre Concepções de violência	X	X	X	X	X							
Revisão bibliográfica de leituras sobre Violência na escola									X	X	X	X
Leitura de textos sobre Concepções de violência			X	X	X	X	X					
Fichamento das leituras sobre concepção de violência				X	X	X	X	X				
Elaboração de comunicação sobre concepções de violência							X	X	X	X		

Apresentação de comunicação sobre Concepções de violência											X	X	X
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---

Ano2

Atividades	Meses												
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	
Leitura dos textos sobre violência na escola, e concepção de justiça.	X	X	X	X									
Fichamento das leituras sobre violência na escola		X	X	X	X								
Elaboração de comunicação sobre violência na escola e concepção de justiça.			X	X	X	X							

Apresentação de comunicação sobre violência na escola e concepção de justiça.						X	X	X	X			
Montagem de grupos focais e coleta de narrativas	X	X	X	X	X	X						
Análise e classificação das narrativas				X	X	X	X	X	X			
Analisar os tipos de discurso sobre violência e sua relação com concepções de justiça							X	X	X	X	X	X

Ano 3

Atividades	Meses											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Revisão geral bibliográfica	X	X	X	X								
Análise dos resultados e revisão do projeto de pesquisa	X	X	X	X								
Elaboração final do sumário			X	X	X							
Escrita de TCC de fim de curso					X	X	X	X	X	X		
Entrega da versão final do TCC e preparação para banca										X	X	X

9 RESULTADOS ESPERADOS

- Apresentação de comunicação em eventos acadêmicos sobre os temas pesquisados;
- Escrita e apresentação de TCC sobre a violência escolar narrativas de violências no Centro Educacional Teodoro Sampaio-relacionando os tipos de discursos e a concepção de justiça.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. Publicado em 2002 Disponível em: < http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf> acessado em: 10/10/2017.

STELKO, Ana, Carina. WILLIAMS, Cavalcante, Lucia. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. Publicado em 2010. Disponível em <http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/artigos/2010-stelko-pereira-e-williams.pdf> acessado em: 10/10/2017.

ABRAMOVAY, Miriam. RUA, Maria das Graças. Violência nas Escolas. Brasília-DF: UNESCO. 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. Cotidiano das escolas: Entre Violências. Brasília- DF; UNESCO. 2006.

SOARES, LUIZ, EDUARDO. Justiça: Pensando alto Sobre Violência Crimes e Castigos. Rio de Janeiro – RJ; Nova Fronteira Participações S.A. 2006.

HAGUETTE, André. K. M. Pessoa, Márcio. Dez Escolas, Dois Padrões de Qualidade. Fortaleza – CE; Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará 2015.

CECCO, Claudia. Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CANDAU, Vera, Maria. Reinventar a Escola. Vozes. Petrópolis – RJ, 2000.
Publicado por: Diretoria Executiva da CNTE - Dados de violência na escola expõem mazela social e ausência de políticas públicas adequadas para a educação no Brasil— Brasília, 21 de março de 2017, disponível em:
<http://www.cnte.org.br/index.php/comunicacao/noticias/18033-dados-de-violencia-escolar-expoem-mazela-social-e-ausencia-de-politicas-publicas-adequadas-para-a-educacao-no-brasil.html> - acessado em: 4/11/2017.

CARRANO, Paulo UFF DEBATE BRASIL VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF Observatório Jovem do Rio de Janeiro. Publicado em; 19 de maio de 2009 – Disponível em;
http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Carrano_Violencia_escolas.pdf acessado em 10/10/2017.

ARAÚJO, Adriano. FERREIRA, Jonathan e NASCIMENTO, Rafael. É inadmissível, diz delegado sobre morte de espanhola na rocinha. O Dia. Rio de Janeiro, 23 out. 2017.
Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-10-23/e-inadmissivel-diz-delegado-sobre-morte-de-espanhola-na-rocinha.html>.

SOARES, Luis Eduardo. "Para que servem os relatos". Revista pronto! Disponível em: <<http://www.revistapronto.com.br/Imprimir.asp?ID=260>>. Consultado em 19/06/2006.

SÃO BERNARDO, Sergio. Kalunga e o Direito: A Emergência de um Direito Inspirado Na Ética Afro-brasileira- Universidade Estadual da Bahia, Universidade Federal da Bahia- Salvador 2017.

REDAÇÃO, jornal O São Gonçalo –Estudante é agredido por colega dentro da sala de aula em São Gonçalo publicada em 01 de novembro de 2017 – disponível em <http://www.osaogoncalo.com.br/geral/38987/estudante-e-agredido-por-colega-dentro-da-sala-de-aula-em-sao-goncalo> – acessado em 20 de novembro de 2017.

O Dia-Professora diz ter sido agredida por aluno após expulsá-lo da aula: 'Dilacerada' publicado em 21 de agosto de 2017 disponível em: <http://odia.ig.com.br/brasil/2017-08-21/professora-diz-ter-sido-agredida-por-aluno-apos-expulsa-lo-da-aula-dilacerada.html> – acessado em 20 de novembro de 2017.

PIMENTEL Izabella – Cidade Verde- Professora municipal é agredida por aluno dentro de sala de aula no Mocambinho - disponível em Cidade Verde.com Piauí conectado 24 horas <https://cidadeverde.com/noticias/256240/professora-municipal-e-agredida-por-aluno-dentro-de-sala-de-aula-no-mocambinho> – Piauí, acessado em: 20 de novembro de 2017.

FONTES, Leticia O Tempo - Aluno de direito agride professor ao ser pego colando em prova em BH- disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/aluno-de-direito-agride-professor-ao-ser-pego-colando-em-prova-em-bh-1.1527685> - Publicado em 04 de outubro de 2017 – acessado em 20 de novembro de 2017.SANTANA, Vitor - G1- Professora diz que foi agredida por mãe de aluno em escola de Inhumas disponível em - <https://g1.globo.com/goias/noticia/professora-diz-que-foi-agredida-por-mae-de-aluno-em-escola-de-inhumas.ghtml> - publicado em 29 de agosto de 2017 – acessado em 20 de novembro de 2017,

REDAÇÃO–Correio 24 horas - Mais de dois mil professores já foram ameaçados em sala na Bahia - disponível em <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mais-de-dois-mil-professores-ja-foram-ameaçados-em-sala-na-bahia/> publicado; 31 de outubro de 2017 – acessado em 20 de novembro de 2017.